Minhas Realizações

Memórias de Beli

2 0 2 6

Prefácio

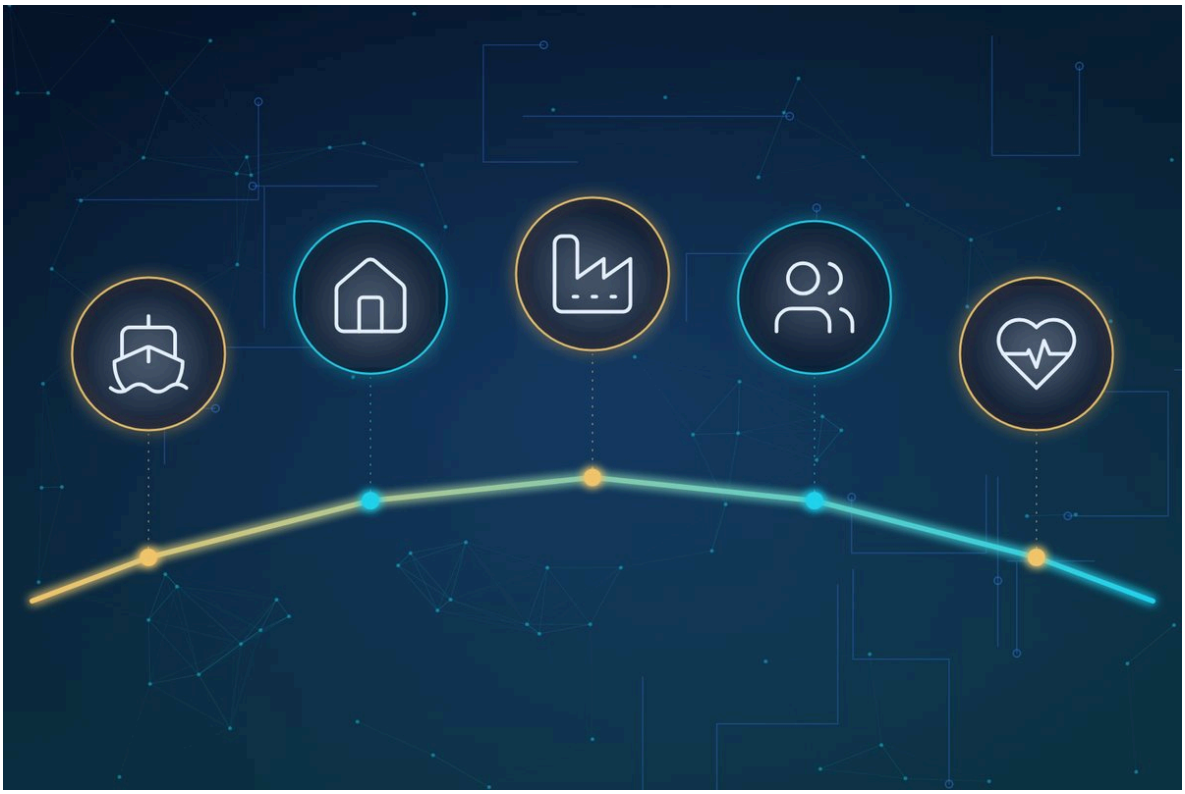


Por que contar a minha história agora? Porque tudo é possível. Quero mostrar nesta trajetória os tropeços e as vitórias, sempre pensando que tudo era possível.

Escrevo para a minha família e para quem mais quiser ler. São muitas as realizações de que me orgulho, e não consigo escolher uma só: por isso este livro as conta, capítulo a capítulo.

Se tivesse de resumir tudo numa frase, seria esta: nunca desista!

Capítulo 1 — As raízes



Em 1929, meus avós embarcaram no porto de Lisboa, no navio Serpa Pinto, rumo a Santos. Foram vinte dias de travessia na segunda classe. Minha avó levava pela mão duas meninas: minha mãe, com 6 anos, e a irmã dela, com 4. E vinha grávida de cinco meses, de gêmeas, que nasceriam já em terra brasileira.

Foi no navio, já em alto-mar, que ela descobriu: o filho mais velho, de 8 anos, não estava a bordo. Meu avô o tinha deixado em Portugal, com os avós paternos, sem consultá-la, prometendo que um dia a família se reuniria. Minha avó contou depois que teve vontade de se atirar ao mar e nadar de volta até o cais para buscar o menino. Foram quase trinta anos até ela abraçá-lo de novo.

A primeira casa foi na Mooca, na Rua Almirante Brasil, num bairro de chácaras, tecelagens e cortes de bonde. No começo dos anos 1930, vieram para a Água Rasa, para a casa que seria o centro da nossa história.

Era uma casa grande, de portão sempre aberto. Tinha um quintal enorme, galinheiro, pombas e um cachorro que esperava minha avó o dia inteiro. Tinha despensa, quarto de costura, três dormitórios e um banheiro só, para uma família que chegou a ter nove filhos.

No fundo do quintal, meu avô montou a sua fundição. Ali se fazia solda, metais não ferrosos e o metal patente, a liga que reveste os mancais de motores e máquinas. Nos anos 1940, uma doença terrível tirou dele as pernas, e alguns anos depois ele morreu. Eu nasci depois e só o conheci pelo retrato na parede. Minha avó ficou com nove filhos, quatro ainda em idade escolar. As filhas transformaram o quarto de costura numa pequena cooperativa e costuravam para fora, para ajudar no sustento.

Quem assumiu a fundição quando meu avô adoeceu foi meu pai, recém-casado com a filha mais velha. Ele segurou o trabalho e o sustento da casa enquanto os cunhados cresciam. Mais tarde, um tio passou a trabalhar ao lado dele, e eu vi os dois tocando a fundição juntos.

Guardo um dia em especial. Eu tinha uns 12 anos quando meu tio me levou com ele, de táxi, até a Rua Florêncio de Abreu, o coração das ferragens e dos metais de São Paulo, para fazer as entregas. Para um menino da Água Rasa, aquilo era entrar no mundo dos adultos.

Aos domingos, a casa virava festa: fogão a carvão, panela de ferro, bacalhau, vinho com soda e a família inteira em volta da mesa. Minha avó lia todos os jornais, de ponta a ponta, e era a nossa rede de notícias. No quintal, jogava milho para as pombas e enchia de milho as nossas mãos pequenas para levarmos ao galinheiro.

Em 1958, 29 anos depois daquela partida, o filho que ficou em Portugal atravessou o mar no navio Lumière, com a esposa e os filhos. A família inteira foi ao porto de Santos esperar o navio atracar. Quando ele desceu, minha avó abraçou o filho que tinha deixado menino no cais. Eu tinha 6 anos e ganhei primos novos, de sotaque estranho, que no quintal eram iguais a nós.

Nos anos 1980, eu estava na Holanda a trabalho e, na volta, parei na cidade do Porto para visitar meus primos portugueses. Encontrei meu tio acamado, muito doente, e mesmo assim ele me recebeu. Avisei a família da Água Rasa. Algum tempo depois, ele partiu, e não

partiu sozinho: meu tio mais novo e minhas tias solteiras atravessaram o oceano e estavam ao lado do irmão no fim. Ele foi separado dos irmãos em 1929. No fim, os irmãos foram até ele.

A história completa da família está no meu outro livro, "A Saga da Família Bragança Retto".

Daquela casa simples eu trouxe o que me guiou a vida inteira: respeito, honestidade, sinceridade, trabalho e muito estudo. E uma certeza que só entendi bem mais tarde, olhando para aquela mulher viúva, com nove filhos e o portão sempre aberto: tudo é possível, para quem nunca desiste.

Capítulo 2 — Infância e o bairro



Nasci em janeiro de 1952, dentro da própria casa da minha avó, na Água Rasa, pelas mãos de uma parteira. A casa de portão sempre aberto foi, literalmente, o lugar onde a minha vida começou.

Fui o quarto filho, o caçula. Antes de mim vieram meu irmão mais velho, minha irmã e meu outro irmão, meu companheiro de travessuras.

Morava em um cômodo e cozinha. Para complementar a renda, meu pai instalava antenas de televisão, e seu transporte era uma bicicleta. Minha mãe sofria dos nervos, como se dizia antigamente. Na época, era assim que vivíamos.

A Água Rasa daquele tempo era outro mundo. As ruas eram todas de terra, e havia terrenos vazios por toda parte. Cada terreno virava um campinho de futebol, que era a minha paixão, e a gente jogava até a bola sumir no escuro. Meu pai, meu tio e uns amigos fundaram o América F.C. da Água Rasa, e eu era o mascote do time, orgulhoso no meu uniforme listrado.

Com a turma da rua, e com meu irmão à frente, brincávamos de tudo:

Brincadeiras de rua

● Futebol de rua e de várzea, com bola de meia ou de borracha e chinelo como trave.

● Bolinha de gude (também chamada búrica ou bolita): o "triângulo", a "biroca" e, quando era "a vera", quem perdia entregava as bolinhas.

● Pião de madeira com fieira, para rodar na mão ou "lascar" o pião do outro.

● Pipa / papagaio / pandorga, com linha de cerol para "cortar" a pipa dos outros e correria atrás da que caía, a "aparada".

● Carrinho de rolimã, descendo ladeira a toda.

● Pular carniça, pega-pega, esconde-esconde, polícia e ladrão, bandeirinha (pique-bandeira).

● Mocinho e bandido, de revólver de espoleta, imitando os faroestes do cinema.

● Estilingue (bodoque), para acertar lata, fruta e passarinho.

Em casa ou na calçada

● Futebol de botão, com botões de paletó ou casca de coco.

● Figurinhas e o jogo de "bafo", batendo com a mão para virar as figurinhas do outro.

● Gibis: Tarzan, Fantasma, Zorro, Roy Rogers e as revistas da EBAL.

● Rádio: novelas, programas de auditório, seriados de aventura e o futebol narrado.

Programas especiais

● Matinê de domingo no cinema, com seriados em capítulos e filmes de faroeste e do Tarzan.

● Circo quando chegava na cidade.

● Festa junina: balão, bombinha, traque e fogueira.

● Banho de rio ou de represa, subir em árvore e “pegar” fruta no quintal do vizinho.

● Os mais sortudos tinham bicicleta ou patinete de madeira.

E outras travessuras que não cabem num livro.

O primário eu fiz com as freiras, no Colégio Nossa Senhora de Lourdes, o “Lurdinha”, como todo mundo chamava. Também fui coroinha. Entre a missa e o campinho, entre a disciplina das freiras e a liberdade da rua de terra, fui aprendendo a ser gente.

No Lurdinha, antes de subir para a classe, as crianças faziam fila aos pares, de mãos dadas. A professora ia na frente, e nós a seguíamos em fila dupla. No lance da escada, num pedestal, ficava uma imagem de Nossa Senhora, e havia dias em que meu irmão parava ali, no meio da subida, para cumprimentá-la: “Bom dia, Nossa Senhora!” A fila inteira parava, e a professora tinha de organizar tudo de novo. E meu irmão não levava bronca, por motivos óbvios.

Já na classe, além de fazermos uma oração, cantávamos o Hino Nacional.

Meu irmão e eu também fomos coroinhas, e dessa época guardo uma das lembranças mais engraçadas da minha vida. Um dia, antes da missa, meu irmão quis saber que gosto tinha o que o padre bebia no cálice. Provou e passou adiante, e todos os coroinhas provaram. Quando nos demos conta, o cálice estava vazio. Meu irmão teve então a ideia de enchê-lo com vinagre de vinho.

A missa começou, e nós, no altar, mal conseguíamos respirar, esperando a hora em que o padre beberia da taça. Quando ele levou o cálice à boca, deve ter sentido o cheiro. Parou, olhou feio para o meu irmão, que só aprontava, e fingiu que bebeu.

A bronca que levamos foi tão grande que até Deus ficou envergonhado.

Capítulo 3 — Juventude



Do ginásio ao científico, entre os anos 1960 e 1970, estudei no Colégio Estadual Prof. Wolny Carvalho Ramos, na Água Rasa. Foi ali que descobri que eu gostava de fazer as coisas acontecerem.

Participava de todos os esportes que havia. Ajudei a fundar o grêmio estudantil e criamos um jornal feito no mimeógrafo, o “Na Hora”, que passava de mão em mão entre os alunos. O laboratório de química não tinha um único aparelho, então organizamos bailes de matinê aos sábados, no ginásio do colégio, para comprá-los. A biblioteca era pobre, então saímos em passeata pelas ruas do bairro, pedindo livros de porta em porta. Fizemos festivais de música e bailes que ajudaram a equipar o ginásio de esportes. Fui um ativista do começo ao fim, sempre trabalhando para melhorar a escola.

Nas férias escolares, brincávamos na rua o dia inteiro. Só íamos para casa almoçar e jantar; o resto do dia era brincadeira nas ruas de terra. Corríamos atrás de balão, e também fazíamos os nossos. Jogávamos futebol. Num terreno baldio, fazíamos fogueira para conversar e assar batatas.

Quando havia meninas no pedaço, tinha a brincadeira de passar anel. Acho que nela havia beijos, ou rolha queimada passada no rosto.

Nessa época também trabalhei: inseria molas em anzóis para ganhar um troco e trabalhava na vendinha, recebendo tubaína como pagamento.

A música também chegou nessa época. Eu ouvia as músicas no rádio e tentava tirá-las no violão: os Beatles e a Jovem Guarda, além de Johnny Rivers, Herman's Hermits e muitos outros. Foi aí que comecei a compor. Eu tocava violão e baixo numa banda chamada Os Profetas. Aos 14 anos, num festival que reunia vários colégios da região, ganhamos o primeiro lugar com "Estudantes 1964", uma música minha sobre o golpe militar, em plena ditadura:

Um dia a democracia virá
E verá com olhos de verdade
Que o jovem que lhe clama por amor
Também nega quando sente saudade

Foi o meu primeiro troféu. Dois anos depois, aos 16, ganhei de novo, com "Marilena", a história de um rapaz que promete à moça que um dia ainda vai ser cantador. Eu não sabia, mas estava escrevendo sobre mim mesmo:

Vai Marilena, vai meu amor
Vai Marilena, que um dia hei

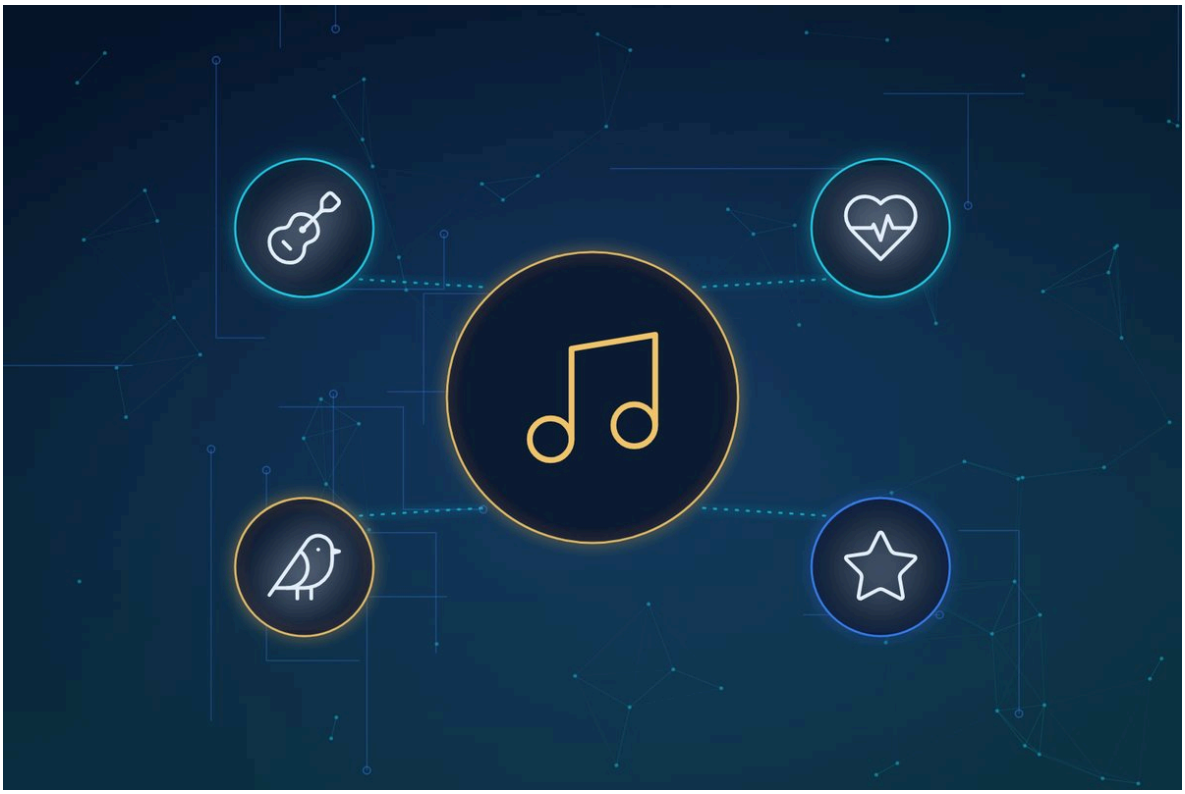
De ser um cantador

Na formatura do científico, eu e mais quatro amigos pegamos o famoso Trem da Morte, que saía de Bauru, atravessava o Pantanal e chegava à Bolívia. Fomos até Puerto Suárez, logo depois da fronteira. O mais engraçado era ver os passageiros empurrando cabras, galinhas e cachorros para dentro do vagão. A paisagem do Pantanal passando pela janela, essa eu nunca esqueci.

Nessa mesma época, fizemos teatro e apresentamos uma comédia chamada "Toda Donzela Tem um Pai que É uma Fera". Eu fazia o personagem Netinho. A peça gira em torno de um pai muito ciumento e bravo, a "fera" do título, que vigia a filha e os pretendentes dela, e a

confusão vem das tentativas de namoro debaixo do nariz dele. Foi um sucesso. De bilheteria, não, porque a entrada era franca.

Interlúdio — Uma canção para minha irmã



Minha irmã partiu aos 25 anos. Esta canção é para ela.

Regina

Regina, eu vim lhe dizer
o que o canto não diz

Eu vim lhe dar o prazer
de ouvir as coisas que fiz

Regina, pede passagem,
não deixe a vida morrer
Que a morte é uma viagem

que a vida não pode ter

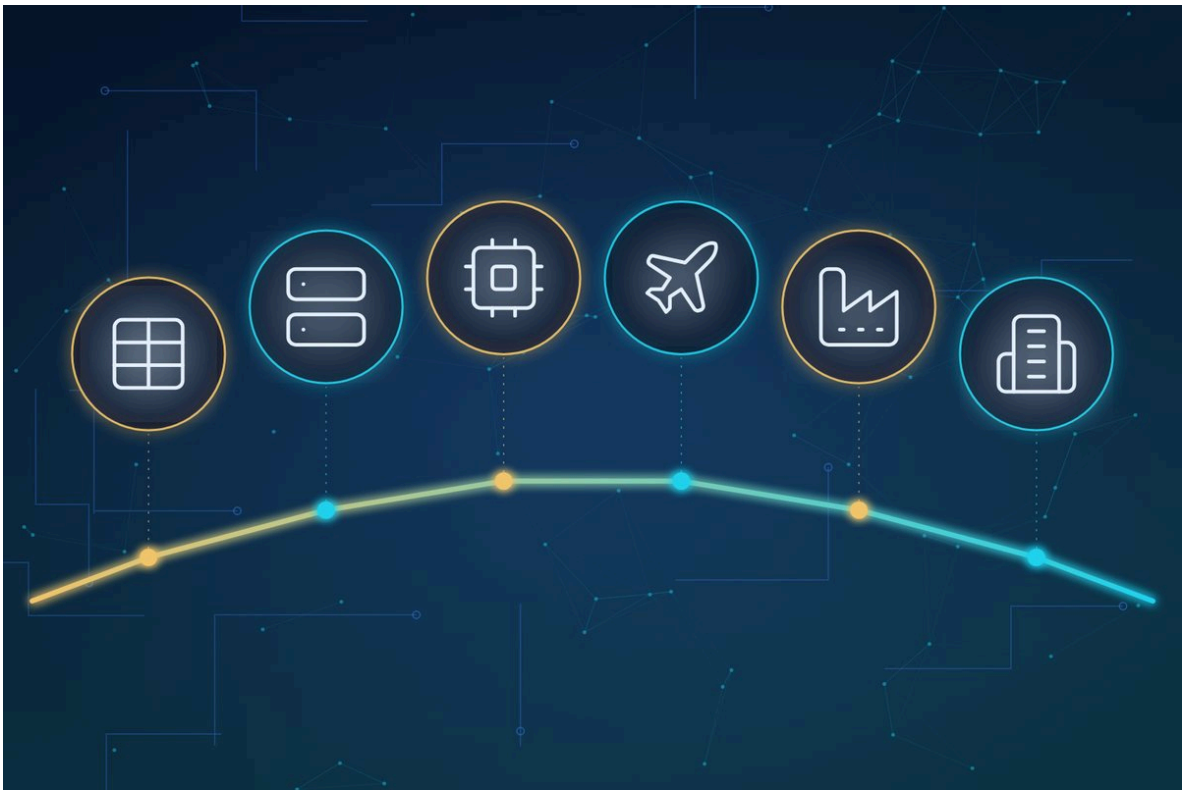
Regina, eu lhe falei,
você não quis me ouvir
Que vida é vida eu sei,
mas que adianta mentir

Regina, guarde na mente,
no fundo do coração
Meu canto é reza descrente,
não posso mais rezar não

Mas fique certa disso,
um dia hei de te ver

Sentada ao lado de Cristo,
aí nós vamos viver

Capítulo 4 — A carreira em tecnologia



Meu primeiro emprego, aos 17 anos, foi de office boy no escritório do meu tio Braga, que era advogado. Foi ele quem me deu o meu primeiro terno. Esse tio era o meu herói. Com ele aprendi a ter caráter, honestidade, sinceridade e simplicidade, e a sempre discutir com argumentos, nunca com a voz mais alta. Levei essa lição para cada sala de reunião em que entrei depois.

Meu tio tinha feito grandes amigos na faculdade, entre eles Caio Pompeu de Toledo, que foi deputado estadual por São Paulo. Quando se reunia com eles no Centro Acadêmico XI de Agosto, da Faculdade de Direito do Largo de São Francisco, me levava junto. Ele adorava música, e eu era o violeiro dele. Era um menino da Água Rasa, de violão no colo, no meio de advogados da faculdade mais tradicional do país. Foi num desses encontros que nós três compusemos juntos um samba, escrito no papel de um maço de cigarros.

No escritório, entre um recado e outro, eu observava as petições dos advogados, cheias de latim, de “bastante procurador” e de frases que davam voltas sem chegar a lugar nenhum. Um dia sentei à máquina de escrever e fiz uma sátira, uma petição em nome de um cliente inventado, morador da “Rua Abrante do Hayrwtsumoto, 77775”. Guardo a folha até hoje, datada de 20 de fevereiro de 1970. Eu tinha 18 anos:

Como bastante procurador e advogado de MANOEL MENDES DE OLIVEIRA, venho por instrumento desta comunicar-lhe que a presente solicitação, feita posteriormente à data supra, não se obsteve, devido à “CITEYT POSTUMAY”, que há dias passados não se infiltrou devidamente e sim de vez. Restringindo meus direitos, subscrevo adnominando fatores justapostos: que a essência abstrata da situação fenomenológica não é lógica. Portanto, não muito obstante do meu feito, concretizando todavia meus direitos, sentir-me-ei ofuscado nas adversativas prognosticadas do meu adversário. Quero salientar, pois querer é poder, que o trânsito da historicidade que nós reivindicamos está cada vez mais obsoleto, digo, obstreto.

“TEMHO DITO”

Foi no ginásio que conheci a álgebra booleana. Um mundo inteiro feito de zeros e uns, de verdadeiro e falso. Me apaixonei à primeira vista. Foi ali que decidi: eu ia trabalhar com o “cérebro eletrônico”, como o computador era chamado.

Só que não existia faculdade para isso. A única porta era um curso gratuito da IBM, muito difícil de passar.

Foi a fase mais intensa da minha vida. Eu tinha escolhido uma profissão que estava só começando, e era dificílimo conseguir o aprendizado e, depois, o trabalho. Fiz uma promessa a mim mesmo: tudo era fácil, e eu ia conseguir. Sem saber, treinei o meu cérebro a pensar desse jeito, e os obstáculos que eu mesmo tinha criado foram caindo, um por um. Percebi que não havia nada difícil no mundo. Tudo era questão de estudar.

Nessa época, virei autodidata. Frequentava muito a Biblioteca Mário de Andrade, na Praça Dom José Gaspar. Pegava o ônibus 60 no Largo da Água Rasa, descia no Largo do Paissandu e ia a pé até a biblioteca. Lá, passava horas lendo sobre o “cérebro eletrônico” e sobre programação em Assembler e COBOL. Estudava também testes psicotécnicos, que eu nem sabia o que eram, mas que eram uma das provas da IBM, ao lado de matemática, lógica e inglês técnico.

Eu passei. Aprendi a programar em Assembler num IBM 1401, uma máquina que ocupava uma sala e tinha menos memória que uma calculadora de hoje.

Com uns 18 anos, comecei no SERPRO, na Rua Florêncio de Abreu, a mesma rua aonde meu tio me levava de táxi, aos 12, para entregar o metal da fundição. Era o tempo dos cartões perfurados, das perfuradoras, conferidoras, classificadoras, tabuladoras e outras "-doras" da vida. Tudo muito jurássico. E quando um maço de cartões caía no chão? Meu Deus, que desgraça!

Cursei a Faculdade de Administração de São Paulo, com ênfase em Análise de Sistemas. Na época, era a única que se especializava em sistemas. Depois, fiz extensão em Economia no Mackenzie.

Depois fui para o Grupo Silvio Santos, como programador COBOL. No começo, o grupo nem tinha computador próprio: usávamos o da Swift, que alugava as horas livres da máquina. Um dia, o próprio Silvio Santos apareceu na nossa sala. Queria conhecer "o pessoal cientista maluco" da empresa, porque, para ele, trabalhar com computador ainda era coisa de outro mundo. Era um homem muito engraçado, um excelente ser humano e um patrão maravilhoso. Fiquei lá uns cinco anos.

Na Price Waterhouse, trabalhei com auditoria de sistemas e consultoria. Estudei durante seis meses e fui sombra de auditor, para aprender como se faz em campo. A informática era nova, faltava gente preparada, e os salários eram escandalosos.

Nessa época, como eu era tímido e introvertido, resolvi fazer um curso de teatro. Ali aprendi a me comunicar com voz, corpo e presença, e a interpretar a postura emocional por trás das palavras. Aprendi a falar em público sem timidez e sem falsa modéstia. E aprendi que a gente deve sempre vender o próprio peixe da melhor forma possível, sempre com argumentos incontestáveis.

Na Price, fiz trabalhos que me orgulham até hoje. Na Usiminas, onde cheguei a morar em Ipatinga, criei em PL/I um banco de dados sem saber que era isso: só entendi o que tinha feito quando vi, pela primeira vez, um banco de dados comercial. Ainda em COBOL, desenvolvi uma planilha eletrônica para analisar demonstrativos de resultados. E criei, de ponta a ponta, o sistema do vestibular da Universidade Mackenzie: da operação ao processamento das respostas e à divulgação dos resultados.

Esse trabalho me levou a um convite que eu não esperava: aos 30 anos, fui nomeado Secretário Geral da Universidade Mackenzie.

Fiz vários trabalhos de auditoria de sistemas com o uso do computador, em empresas de vários ramos de atividade. Sempre gostei de trabalhos investigativos, aprofundados e detalhistas.

Durante a minha vida profissional, colecionei muitos desafetos. O meu grau de criticidade era tão alto que muitas pessoas não compreendiam e levavam para o lado pessoal. Mas não era só crítica: havia argumentos, documentos e provas, e, abaixo de cada crítica, a pessoa podia fazer as suas ponderações ou a sua defesa. Esse era o meu relatório de auditoria, que ia para os donos das organizações avaliarem as violações de compliance da empresa e quem as cometia.

Depois, assumi a gerência geral de informática do Grupo Papel Simão, com o CPD, o desenvolvimento e a área de organização e métodos sob o meu comando. Foram uns cinco anos de muitas realizações. Uni a indústria à universidade, trabalhando com a Unicamp para otimizar os cortes de papel com pesquisa operacional, otimizar o espaço nos contêineres e criar um sistema de gestão das florestas de eucalipto. Fiz o primeiro Plano Diretor de Informática do grupo, com um clube para ensinar os funcionários a usar o microcomputador, a grande novidade da época. Descentralizei os sistemas das cinco fábricas e das empresas de exportação e reflorestamento, integrando tudo a um IBM /370 na central. O helicóptero da empresa me levava às fábricas no interior. E fui à Holanda conhecer um sistema de gestão dos navios que levavam papel para o mundo.

Quando assumi o cargo, havia um gerente de operações que cuidava de um computador de pequeno porte, um IBM /3, com uns oito colaboradores; eu tinha doze. Depois de muito trabalho e organização, fui nomeado superintendente de informática, com três gerências subordinadas a mim e mais de 250 colaboradores, contando o pessoal dos equipamentos das cinco fábricas, da empresa de reflorestamento e da exportadora. Sair de um computador de pequeno porte para o /370, considerado de grande porte, foi um feito de que me orgulho até hoje.

Também fundei, dentro do sindicato patronal dos papeleiros, a primeira associação dos desenvolvedores de sistemas do setor. O menino que fundou o grêmio estudantil continuava reunindo gente em volta de uma causa.

Durante toda a minha vida profissional, ensinei muitos jovens a programar computadores. Hoje, a maioria deles ainda está na área.

Capítulo 5 — A família que construí



Foi o violão que me apresentou à minha esposa. Eu estava em Santos, no prédio onde meu tio tinha apartamento, tocando com as minhas primas. Ela chegou, sentou ao lado delas e ficou ouvindo. Dali em diante, não nos separamos mais. Casamos em 1975, quando eu tinha 23 anos.

Cabe aqui ressaltar que a minha esposa me acompanhou em todas as viagens que fiz a Las Vegas, para a Comdex, e me ajudou muito nas empresas, como diretora financeira. Com o seu senso maduro e visionário, sempre me incentivou em tudo o que eu quis fazer.

Tivemos dois filhos. Eles são o meu orgulho e nunca me decepcionaram. Estudaram nos melhores colégios de São Paulo e fizeram cursos no exterior. Eu, que estudei num colégio estadual da Água Rasa e organizei bailes para equipar um laboratório vazio, pude dar a eles

o que eu não tive. Hoje os dois são empreendedores na área de tecnologia e possuem imóveis próprios, sem nenhuma dívida, graças aos meus ensinamentos financeiros, focados na disciplina de poupar. A paixão pelos zeros e uns que nasceu em mim no ginásio virou herança.

Para isso, além de um bom salário, aprendi a investir na Bolsa de Valores, coisa que descobri lendo balanços na Price Waterhouse. Nunca pedi dinheiro emprestado, nem eu nem as minhas empresas. Sempre andei com as próprias pernas. Foi assim que construímos um patrimônio respeitável e realizamos um sonho: a nossa casa no interior. O menino que nasceu numa casa de três quartos para nove filhos ergueu a própria casa dos sonhos.

Meus filhos são casados e escolheram não ter filhos. Acham que trazer uma criança ao mundo de hoje é uma responsabilidade enorme. Entendo bem. Um dia, um deles me disse que tinha medo de crescer e virar adulto. Aquela frase me deixou pensativo por muito tempo. Quando temos filhos, não pensamos que eles terão os próprios sofrimentos, e que não poderemos evitá-los. Cheguei a pensar que o desejo de ter filhos é um egoísmo humano: colocamos um ser na vida, e é ele quem vai ter de se virar, sofrer e, também, ser feliz. Não mudei de ideia. Hoje, diante da insegurança do mundo em que vivemos, isso me parece ainda mais perturbador.

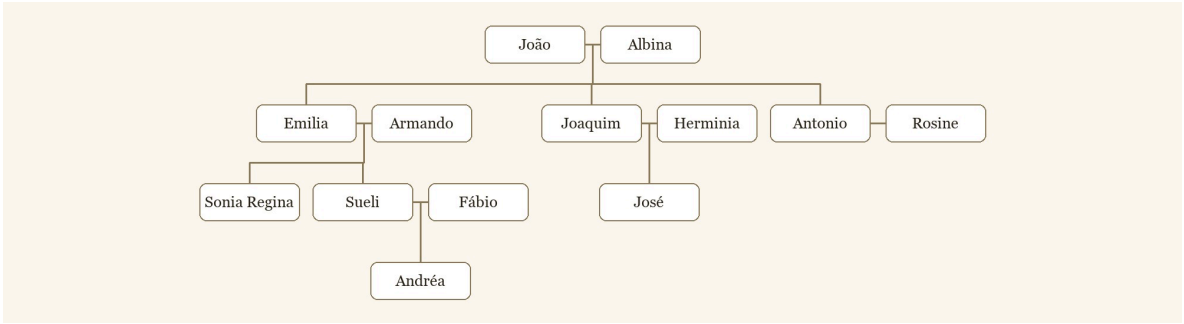
A árvore da família

Nos últimos anos, assumi mais uma tarefa: contar a família inteira numa árvore genealógica. Usei a plataforma MyHeritage e comecei pelos meus avós, os que embarcaram em Lisboa em 1929. Dali fui abrindo os ramos: Bragança, Retto, Machado, Abreu, Leite, Teixeira, Marques. Cada nome novo trazia uma história, e muitas vezes uma foto.

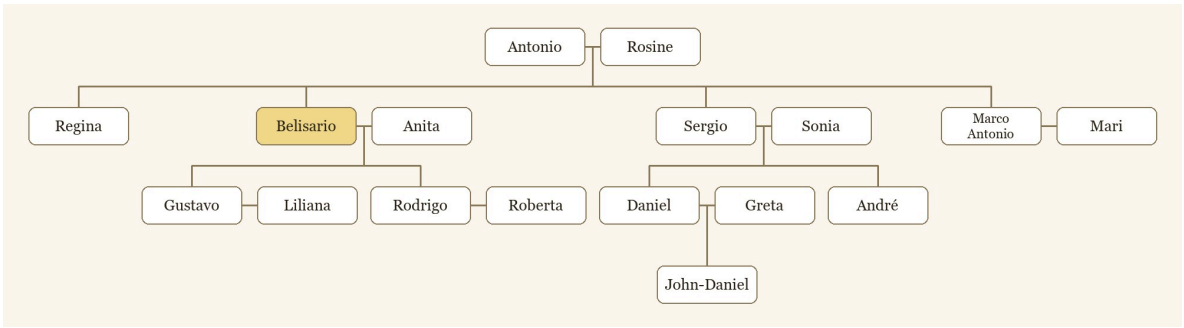
Hoje o site "Família Bragança Retto" reúne mais de cento e setenta pessoas e mais de duzentas e sessenta fotografias, em duas árvores. Há parentes que eu só conhecia de nome, outros que descobri pelo caminho. Ainda não está completa, e talvez nunca esteja. Mas o que antes vivia só na memória dos mais velhos agora está escrito, e qualquer um da família pode abrir e ver.

Essa também é uma realização de que me orgulho. Os meus filhos escolheram não ter filhos, e por isso me importa ainda mais deixar a nossa história registrada. Aqui vai a árvore em pedaços, só com os primeiros nomes.

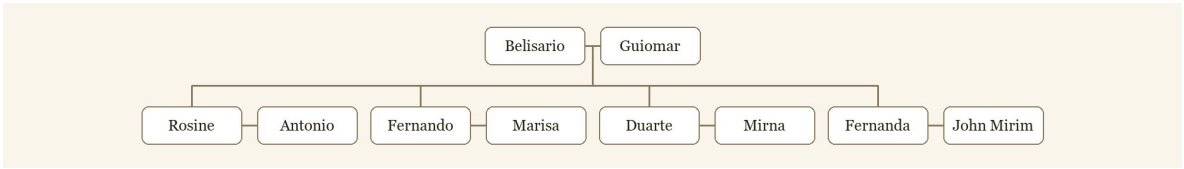
Os Abreu: João e Albina e os filhos.



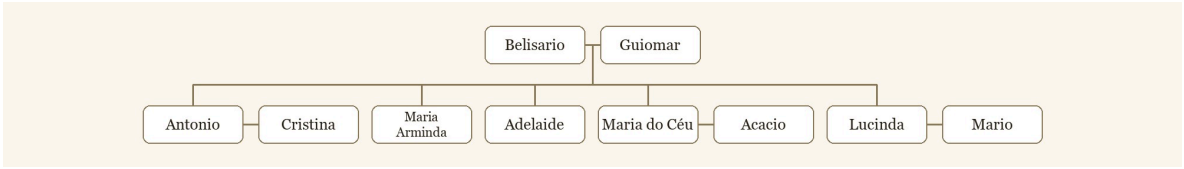
Antonio e Rosine, meus pais, e os filhos.



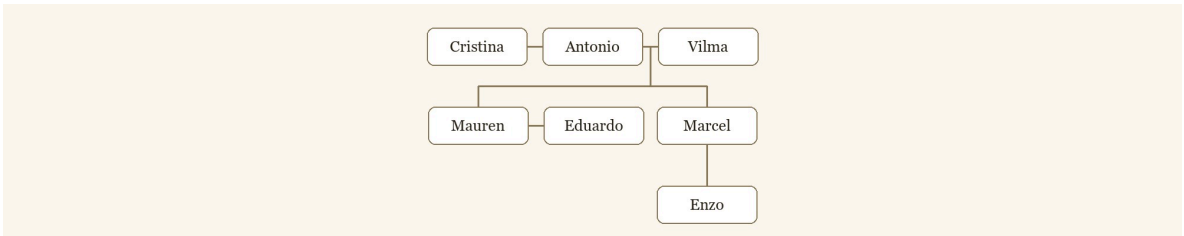
Os Bragança Retto: Belisario e Guiomar e os filhos (primeira parte).



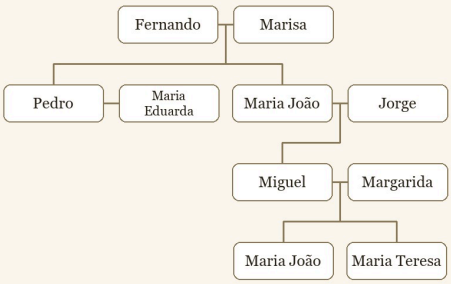
Os Bragança Retto: Belisario e Guiomar e os filhos (segunda parte).



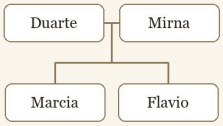
Antonio e os descendentes.



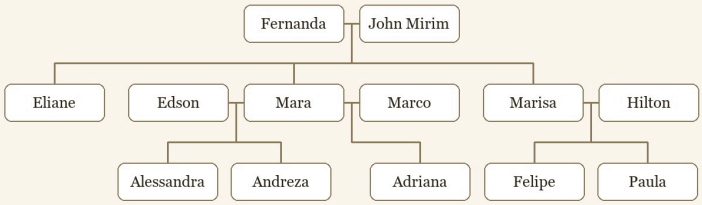
Fernando e Marisa e os descendentes.



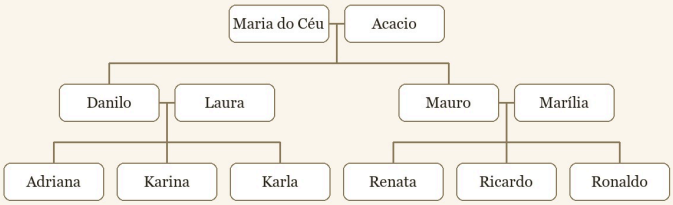
Duarte e Mirna e os filhos.



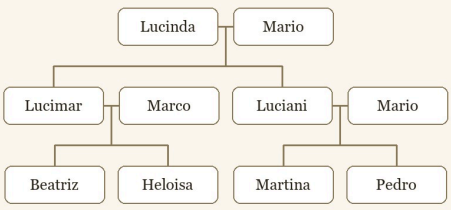
Fernanda e John Mirim e os descendentes.



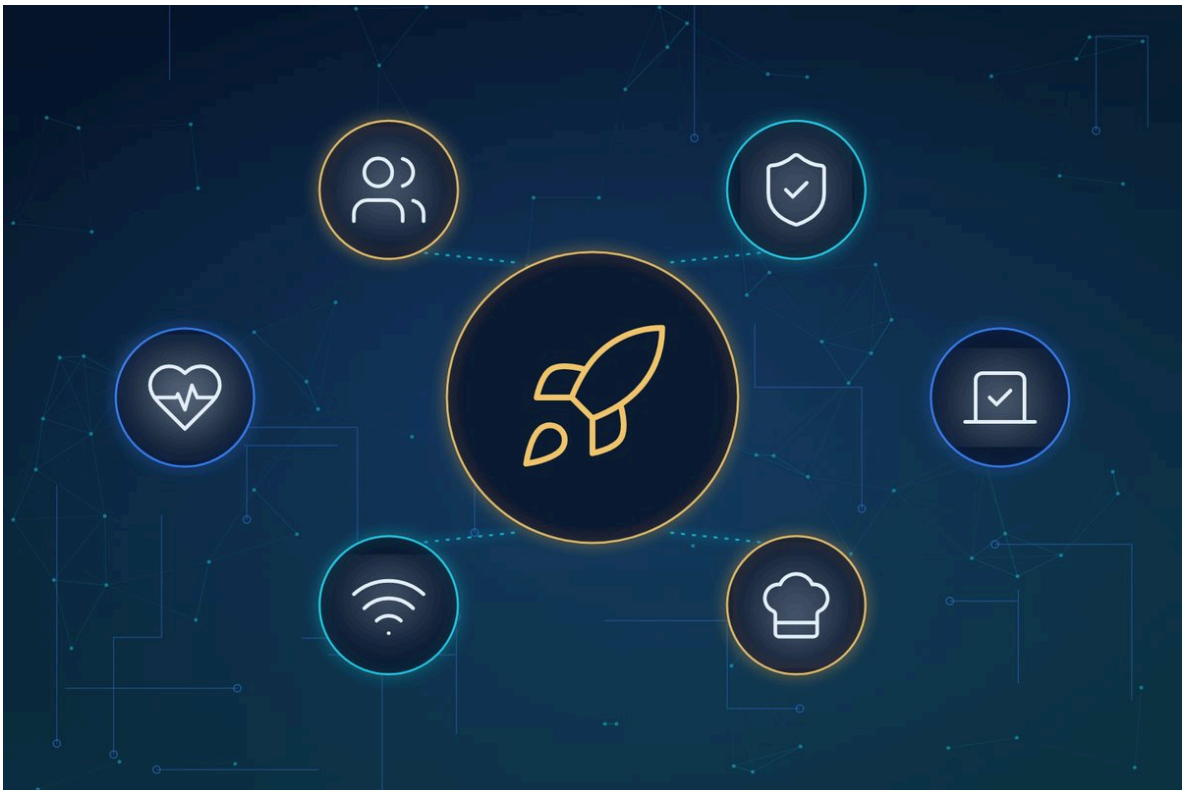
Maria do Céu e Acacio e os descendentes.



Lucinda e Mario e os descendentes.



Capítulo 6 — Empreender



Quando saí do Papel Simão, deixei para trás um excelente salário. Muita gente me achou louco por trocar o certo pelo incerto. Eu acreditei e fui em frente. Minha avó tinha feito o mesmo em 1929, quando atravessou o oceano sem saber o que encontraria do outro lado.

Era o tempo da reserva de mercado da informática. Com um sócio, fundei a empresa que criou o AwardSup, um software que acrescentava uma camada de segurança ao DOS: controlava quem podia usar cada microcomputador e protegia contra vírus e acessos indevidos. Quase ninguém falava em segurança da informação, e o AwardSup foi parar em empresas brasileiras e estrangeiras. Expusemos na Fenasoft, ao lado das maiores do mundo. Na eleição presidencial de 1989, a primeira direta depois da ditadura, todos os microcomputadores do TSE rodavam o AwardSup. O menino que aos 14 anos cantou “um dia a democracia virá” ajudou, à sua maneira, a proteger aquela eleição.

Meses depois, o Plano Collor prendeu o dinheiro de todo mundo, inclusive o meu. Não parei. Montei uma cozinha industrial e passei a vender comida especial no bairro de Moema. Minha esposa fazia a comida, e eu fazia as entregas junto com os meus dois filhos. Nunca pedi dinheiro emprestado, nem eu nem as minhas empresas. Esse foi um dos grandes aprendizados que recebi de um tio meu, que sempre dizia: “Ande sempre com as próprias pernas.” Foi o que fiz a vida inteira.

Quando o mercado se abriu aos importados, a empresa do AwardSup foi descontinuada. Em 1995, no primeiro ano da internet comercial no Brasil, fundei a AbreuRetto Associados, para desenvolver software e criar sites. Ainda nos anos 1990, a minha empresa foi uma das primeiras a adotar o home office, numa época em que quase ninguém imaginava trabalhar longe do escritório. O mundo só descobriu isso de verdade em 2020. Fui um dos pioneiros a usar os serviços da Amcham, que naquele ano lançou o AmchamNET, que eu lembro como o primeiro provedor corporativo de internet do país. Em 2005 veio a AbreuRetto Informática, que existe até hoje com o nome de Multiverso Digital. Atendemos indústrias, instituições financeiras, comércio, e-commerce, logística e o terceiro setor. Por ética, não cito nomes.

Nessa época, criei o EmC-Control, um software de prateleira para microcomputador com Windows, totalmente gratuito, que lia as caixas de correio POP3 antes dos programas de e-mail. Assim, o usuário podia ver o que era spam e apagar as mensagens antes que elas chegassem à caixa definitiva. Ele tinha ainda outra função: o gestor de uma empresa podia ter acesso a todos os e-mails da organização antes mesmo dos colaboradores. O EmC-Control durou até aparecer o Gmail. Aí, não tinha como concorrer.

Nos anos 1990, montei na garagem de casa, em Moema, uma rede de microcomputadores com oito estações. Durante o dia, era o meu escritório. À noite e nos fins de semana, virava a sala de jogos dos meus filhos e dos amigos deles. Para o bairro, aquilo era uma novidade. Sempre fui assim: tudo o que saía de novo em tecnologia, eu queria ser o primeiro a experimentar. E nunca deixei de amar o que faço. Para mim, a segunda-feira é maravilhosa. Não vejo a hora de ela chegar, porque trabalhar com tecnologia é o que mais gosto de fazer. É a minha paixão desde o ginásio, desde o dia em que aprendi a álgebra booleana. São sessenta anos convivendo com o 1 e o 0, com o sistema binário.

Também continuei reunindo gente em volta de uma causa. Fui diretor da ABES, a Associação Brasileira das Empresas de Software. Dei palestras pelo Brasil sobre segurança de dados e auditoria de sistemas, participei de várias Fenasofts e, a cada dois anos, ia à Comdex, em Las Vegas, ver de perto o que o mundo estava inventando.

O que aprendi sobre empreender

Foi assim que aprendi o que é ser um empreendedor. É preciso ter:

● Iniciativa: tirar a ideia do papel.

● Visão de oportunidade: enxergar necessidades ou soluções que os outros ainda não viram.

● Coragem para correr riscos.

● Persistência: continuar depois dos erros e dos “nãos”.

● Capacidade de organizar recursos: tempo, dinheiro e pessoas.

● Criatividade e adaptação.

Eu nasci para não ser empregado de ninguém. Sempre busquei ter a minha própria empresa e seguir o meu caminho. Foi fácil demais, e deu tudo certo. Cada atividade tem as suas nuances financeiras, e isso eu já sabia.

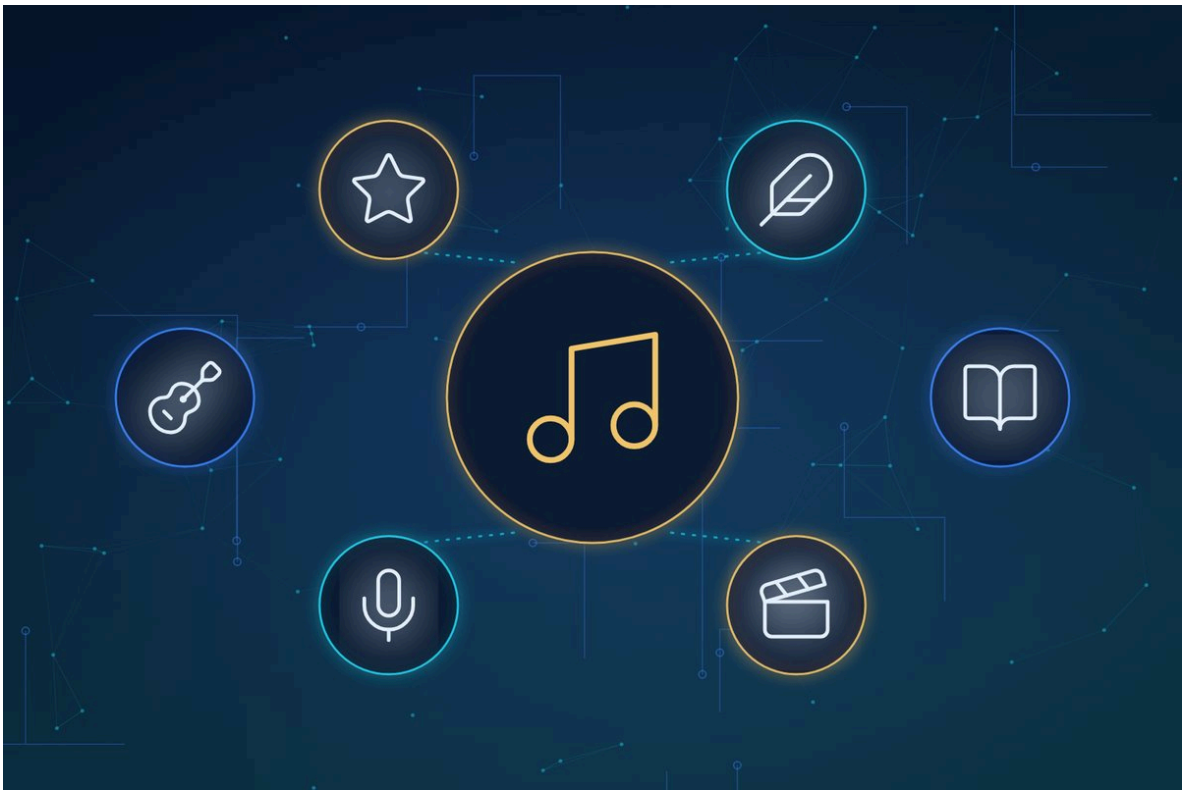
Não gosto, e nunca gostei, de ser mandado por alguém. Eu respeitava, mas não gostava. Sempre soube o que devia ser feito, e fazia da melhor forma possível. Outra característica minha é que não sei fazer nada improvisado e malfeito.

Mas nada me abalou a ponto de me impedir de seguir com as minhas realizações. Até hoje, aos 74 anos, sigo firme ao lado do meu companheiro inseparável, o computador, das 5h30 às 20h, com pausas para o almoço e o jantar (só frutas). Aos sábados, domingos e feriados, faço o mesmo pela manhã. À tarde, passeio com a minha esposa.

Filantropia

Na área social, a minha empresa sempre contribuiu com um grupo de apoio a crianças e adolescentes com câncer e com uma creche de Atibaia.

Capítulo 7 — O artista



Sempre tive facilidade para escrever. No ginásio, quando a professora de português pedia uma redação, eu adorava. No primeiro ano do científico escrevi a “Transitofrenia”, em que o trânsito de São Paulo virava a corrente sanguínea de um paulistano: os glóbulos eram os carros, a aorta era o “Veiaduto Haorta”, os glóbulos brancos usavam gasolina azul e o infrator ia parar no intestino, “de preferência depois de uma feijoada”, sem direito a sursis. Guardo até hoje as folhas de caderno.

Aos 18 anos, office boy no escritório do meu tio, fiz na máquina de escrever uma sátira das petições dos advogados, terminada com um solene “TEMHO DITO”. E foi como violeiro do meu tio, nas reuniões com os amigos dele no Centro Acadêmico XI de Agosto, que

compus a várias mãos, com ele e com Caio Pompeu de Toledo, o samba “Argumento”, escrito no papel de um maço de cigarros. Caio, que foi deputado estadual, passou a letra a limpo num memorando da Assembleia Legislativa, e eu guardei a folha.

Depois veio o trabalho, e o trabalho me afastou um pouco das artes. Durante décadas, o violão e a caneta ficaram para as horas vagas. Quando diminuí o ritmo, voltei a escrever, e desta vez para valer.

Vieram as músicas da banda Multiverso Digital, reunidas nos álbuns Transgredindo e Transgredindo II. Nelas cabe a minha vida inteira: a casa da minha avó em “Família”, o bairro e o meu tio doutor em “Água Rasa”, minha irmã em “Regina”, meu irmão em “Mano” e minha esposa, que nunca precisou de maquiagem nem de roupa da moda, em “Anita — A Natural Beleza de Ser”. Cabe também a fase mais escura que atravessei, numa época em que tudo ia bem à minha volta, menos eu. Só consegui escrever “Estou Triste” depois de sair dela, e a canção termina com um barco que “insiste em velejar”.

Musiquei os poemas da minha tia, que já tinha partido, e eles viraram dois álbuns, Ecos da Alma e Dialeto Universal. Fiz um programa sobre os Beatles na Rádio Excelsior, gravei o Filosofando, contei a história das minhas músicas nos clipes “Por trás da canção” e escrevi poesias e prosas, como “Há vida nas calçadas”.

E vieram os livros. Em 2018 escrevi Bell-Y, um livro de ficção com 155 páginas. Em 2025 escrevi “A Saga da Família Bragança Retto”, 60 páginas de memórias de família, para que a travessia de 1929 e a vida na Mooca e na Água Rasa não se perdessem. E em 2026 terminei o mais ambicioso de todos, o “Tratado da Insanidade Humana”: 25 capítulos sobre como a religião e a filosofia formataram os cérebros das civilizações. O menino que adorava as redações do ginásio acabou escrevendo livros inteiros.

Capítulo 8 — O político



A política entrou na minha vida cedo. Aos 14 anos, em plena ditadura, cantei num festival que “um dia a democracia virá”. No grêmio do colégio aprendi que, quando a escola não tem o que precisa, não adianta esperar: é preciso se organizar e ir buscar. E em 1989, na primeira eleição direta para presidente desde 1960, os computadores do TSE rodavam o software da minha empresa. A democracia tinha vindo, e eu ajudei a protegê-la.

Com o tempo, entendi uma coisa que hoje é a minha tese: os nossos sistemas políticos são jurássicos. A democracia representativa foi o melhor que a humanidade produziu. Foi na era das democracias que a vida dobrou de duração e a pobreza extrema caiu. Mas ela venceu como ideia e parou como tecnologia. Continuamos elegendo representantes a cada quatro anos, por partidos, em parlamentos desenhados no século XVIII, quando o eleitor era analfabeto e morava a dias de viagem da capital.

O que faliu foi a representação. Depois do voto, o cidadão não tem mais voz. O deputado eleito passa a representar o partido, quem pagou a campanha e a própria reeleição. Votamos num pacote, um nome para todos os assuntos, por quatro anos, sem direito a devolver. E isso num país em que o mesmo celular que paga imposto, movimenta a conta no banco e assina contrato poderia ouvir o eleitor toda semana. A tecnologia está pronta. O sistema é que não quer usá-la, porque ouvir o povo todo dia tira poder de quem só precisa dele a cada quatro anos.

Há também um ponto que o sistema esqueceu, e que eu aprendi nas ruas de terra da Água Rasa: tudo o que o indivíduo vive, ele vive no bairro dele. É ali que estão a escola, o posto de saúde, a rua sem asfalto, o ônibus que não passa. O bairro é a célula menor do sistema, e deveria ser servido primeiro. Hoje é o contrário: o dinheiro e a decisão sobem para Brasília, e o que volta para a célula é o resto.

Por isso defendo que devemos focar mais nos sistemas e menos nas pessoas. A briga entre o meu candidato e o seu nunca levou a nada: troca-se o nome, o sistema continua o mesmo. A pergunta certa não é quem manda, mas como se controla quem manda, como se mede o que ele entregou e como se troca quem não entregou. Sistema bom faz pessoa comum governar bem; sistema ruim faz a melhor pessoa governar mal. E governante que faz alguma coisa pela sociedade não merece aplauso: está cumprindo obrigação. Dever cumprido não se comemora. Cobra-se o que falta.

A minha proposta não é acabar com o líder, porque sempre haverá liderança, ela é nata. É dar à maioria o que ela nunca teve: voz contínua. Mandato que o eleitor pode revogar. Consulta digital obrigatória antes das decisões que mudam a vida de todos. Assembleias de cidadãos sorteados para os temas em que o Congresso não se mexe. Orçamento decidido pelo bairro, no aplicativo. Sei que é a única reforma que o reformado teria de aprovar contra si mesmo, e por isso não anda. Mas foi assim também com o voto feminino, com as Diretas e com a Constituinte: tudo veio da pressão de fora.

O menino que cantava “um dia a democracia virá” continua cantando. Só mudou a letra: agora quero que ela chegue ao bairro.

Capítulo 9 — O filósofo



Nunca fui filósofo de academia. Sou filósofo de guardanapo, de madrugada, de frase anotada no canto da folha. Desde 2013 venho juntando esses pensamentos numa coleção que chamei de “Amor, coração, vírus e filosofia”. São mais de setenta frases. Algumas são sérias, outras são piada, e a maioria é as duas coisas ao mesmo tempo.

A primeira lição veio da álgebra booleana que conheci no ginásio: “O universo é binário. Simples como um zero.” Mas, quanto mais vivi, mais percebi que o simples esconde mistérios. “Viver é a busca incessante da resolução dos mistérios que, quando resolvidos, novos surgirão, para dar sentido à vida.” E tudo o que a humanidade sabe, acumulado desde os primórdios, é infinitamente pequeno diante da idade e da quantidade dos mistérios. Por isso: “Na dúvida, não pergunte. As respostas lhe trarão mais dúvidas.”

A vida também me ensinou a desconfiar das certezas. “O óbvio é diferente para cada um.” “Estar certo é uma questão de cumplicidade.” “A mentira é a versão pó-de-arroz da verdade.” E, sobre mim mesmo: “Não sou dono da verdade. Eu apenas as dou polimento.”

O amor é o tema a que mais voltei, sempre desconfiado. “Amar é ser egoísta, dependente e cobrador infeliz.” “Quem não ama é feliz, mas não é gente.” “Amar por muito tempo é cansativo. Por pouco é superlativo.” E o diagnóstico final: “A pior e mais antiga doença da humanidade, ainda sem cura, é o amor não correspondido. Você será contaminado um dia!” Escrevo isso depois de mais de cinquenta anos de casamento, o que prova que o filósofo e o marido nem sempre concordam.

Sobre a vida e a morte, escrevi: “O sono é a experiência viva da morte. Morremos todas as noites.” E outra frase que acabou virando verso da canção para minha irmã: “A morte é uma viagem que a vida não pode ter.” Uma terceira apareceu depois em “O Absurdo”: “O sentido da vida é aquela biruta que delata o vento.” As minhas frases e as minhas músicas sempre conversaram entre si.

O escritório do meu tio me deixou um olhar atento para o Direito. “A Lei só é possível e justa se não houver a palavra EXCETO.” “Há mais EXCETOS em nossas leis do que estrelas nas constelações.” E o paradoxo de um dos seus princípios: “Ninguém está obrigado ao impossível. Então viva com o salário mínimo!”

Sobre Deus e a religião, fui sempre um descrente inquieto, o mesmo que décadas depois escreveria o Tratado da Insanidade Humana. “Deus é a ignorância dos homens. Existem vários, um para cada nível.” E: “A religião humana, não a de Deus, é o processo de controle de qualidade da alma. Quando o produto está fora de especificação, vai lá se reprogramar.” Só um homem de sistemas descreveria a alma como um produto fora de especificação.

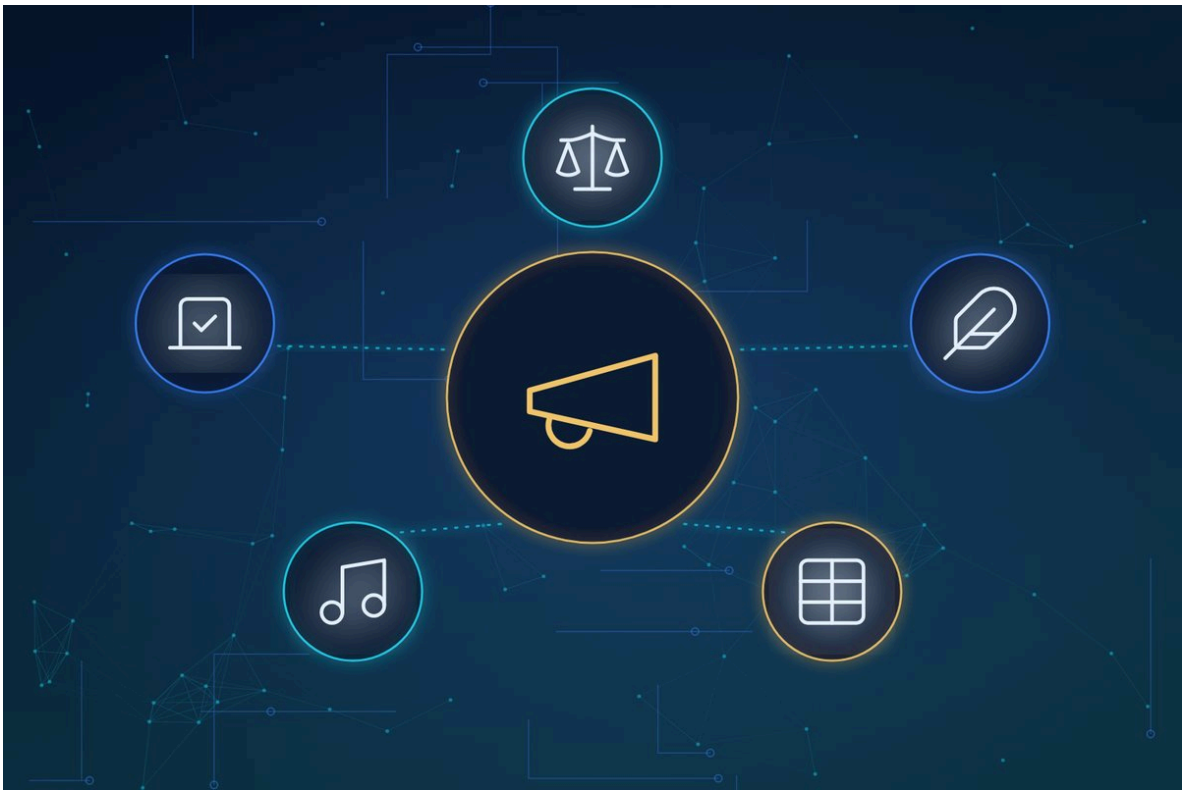
A tecnologia, claro, também ganhou as suas. “E-vento é um vento eletrônico.” “A Infernática é o inferno cósmico dos amantes da tecnologia.” “Copiar, colar e alterar: a maior invenção de todos os tempos.” E a que todo gerente de projetos deveria pendurar na parede: “No seu projeto haverá sempre uma variável fora de controle.” Ou esta: “Os projetos falham por causa das vaidades.”

E há o humor, que sempre foi a minha forma de dizer verdades. “A melhor ideia é a tua, quando dá certo. Se der errado, é anônima.” “Dinheiro só é bom quando é meu.” “Segundo o GPS, há vários caminhos para o sucesso.” “Minhas pernas são assíncronas e meu caminho certeiro.” “Você só será alguém quando se citar.”

A busca pelos mistérios me levou também à Maçonaria. Fui iniciado num sábado de céu de brigadeiro, 10 de outubro de 2015, na Loja Simbólica Regente Feijó III, nº 1456, do Grande Oriente do Brasil. No texto que escrevi sobre aquela noite, contei que fechei os olhos e cliquei no botão "Iniciar" da minha mente, perguntando como uma pessoa em eterno aprendizado poderia contribuir com aquele grupo. Como aprendiz, escrevi os meus trabalhos sem consultar a internet, só com observação e reflexão. Em "As doze colunas do zodíaco", fotografei as colunas do templo e cheguei, como sempre, ao sistema binário: o zero e o um que representam todas as formas do universo, e o terceiro elemento que transforma. Em "Sala dos Passos Perdidos", contestei o próprio nome da sala, porque, do ponto de vista filosófico, nenhum passo é perdido: quem anda de um lado para o outro está pensando. Em julho de 2016, sem tempo, com muito trabalho e muitas viagens, pedi o meu quite placet e me desliguei da Loja. Mas continuo acreditando no que escrevi: não há borracha nem tecla "delete" capaz de apagar o que se aprende.

Se eu tivesse de escolher uma só frase, escolheria a que deu nome aos meus álbuns: "Transgredir é a autenticidade de ser." Quem não transgride vira "o clone da mesmice humana". Somos todos contraventores enrustidos, com aquela criança querendo emergir. E, no fim, o que importa cabe em seis palavras: "Ser é o todo. Ter é o lodo."

Capítulo 10 — O contestador



Eu tinha 12 anos quando o tanque passou na rua. Minha mãe fechou a janela e disse que ia passar. Passou, e veio outro no lugar. Desde então, nunca mais consegui fechar a janela.

Dois anos depois, num festival de colégio, cantei a minha primeira contestação, “Estudantes 1964”:

Somos estudantes, falados contestantes Reformas para dar aos nossos governantes

Era um menino pedindo paz em plena ditadura, sem saber que estava escolhendo um caminho para a vida inteira. Mas a minha contestação nunca foi grito. Aprendi com o meu tio a discutir com argumentos, e foi com argumentos, números e canções que eu contestei tudo o que vi.

E vi muita coisa. Em “Este país não tem jeito”, uma das minhas músicas mais pessoais, conto o Brasil pelos meus próprios anos, como testemunha ocular. Aos 40, pintei a cara com a molecada na avenida e ajudei a derrubar um presidente: foi o fim dele, não o fim “disso”. Aos 53, vi o voto ser pago por mensalidade. Aos 62, vi prenderem gente de terno e relógio caro, e pensei que agora o país tinha virado. Anularam tudo. Aos 71, vi quebrarem o relógio de 1700 que tinha atravessado dois impérios sem fazer mal a ninguém. E aos 74, vi sumirem vinte reais todo mês do meu próprio dinheiro, de um salário que eu suei. O refrão diz o que eu sinto:

Não é mágoa, não é birra
Não é o velho reclamando
É que eu vi todas as vezes
E todas as vezes deu no mesmo

E termina com a minha única condição: “se alguém provar que eu errei, eu peço desculpa antes de morrer”.

Essa sensação de andar em círculos virou “Feliz Ano Igual”. Todo réveillon a gente deseja paz “com a faca no dente”, e o sol de janeiro nasce de ressaca, trazendo as mesmas contas e as mesmas feridas. “O ano novo é um velho maquiado”, e a esperança é “a droga que vira vício”. No fim, só muda “o dígito no computador”.

Em “O Absurdo”, falo do que mais me assusta: o costume. A gente liga a TV, a notícia absurda parece normal, e respondemos com um riso de canto e um balançar de cabeça. A justiça pende para o lado forte, as sentenças parecem trechos de Os Lusíadas, e “aplaudimos em pé nossa própria rendição”. O absurdo virou lei, virou moda, virou normal.

“Mumunhas” é o mesmo Brasil em ritmo de samba, “sambando no fio da navalha”. O celular brilha na mão suada enquanto o feijão foge da prateleira. O coach virou padre, o pastor virou influencer, e “na tela tem tudo, menos o Estado”. Mumunhas são as artimanhas e confusões que a gente nem entende mais.

Em “Hipocrisia Humana”, virei a crítica para nós mesmos. É a mais dura de todas. Falo da maioria que repete, consome, aceita e acredita “na mentira perfeita”, que é “refém de uma falsa janela”. E confesso a solidão de quem enxerga: “eu me odeio de fato por ser consciente”.

Também contestei a economia do dia a dia. Em “Bumerangue da Fome”, o celular da China chega “preço de pinga”, enquanto a fábrica do bairro fecha e o vizinho perde o emprego: “a grana que sai daqui volta como desgraça”. Em “Automação”, o banco ficou sem gente e o

mercado sem a moça do caixa, e o cliente virou funcionário sem salário: “Sou cliente, sou caixa, sou o próprio funcionário”. Logo eu, que passei a vida automatizando empresas. Talvez por isso eu saiba que a tecnologia deveria servir às pessoas, e não tirá-las do caminho.

Quando a canção não basta, faço a conta. Simulei a vida de um trabalhador de 1923 a 2026 para provar que o aposentado não é um peso, e a tese ficou no título: “Eu mesmo já me paguei”. Na eleição de 2026, refiz com os dados abertos do TSE a soma dos boletins de urna do primeiro turno, para conferir a aritmética com as minhas mãos. Contestar, para mim, é verificar.

O menino que viu o tanque passar continua na janela, agora com 74 anos. Eu não estou desistindo. Só estou dizendo o que vi.

Capítulo 11 — O especialista em inteligência artificial



No ginásio, me apaixonei pela álgebra booleana e decidi trabalhar com o "cérebro eletrônico". Mais de sessenta anos depois, o cérebro eletrônico finalmente aprendeu a conversar. Hoje sou especialista em inteligência artificial e trabalho com ela desde o seu surgimento. Para quem começou perfurando cartões num IBM 1401, é como ver o fim de uma história que eu acompanhei desde o primeiro capítulo.

A IA de hoje não é uma ferramenta só. É um mundo inteiro de trabalho, e eu circulo por quase todo ele. Há os assistentes de conversa, que redigem, resumem, traduzem e analisam documentos longos. Há os agentes, que não só respondem, mas executam: abrem arquivos, navegam em sites, preenchem planilhas e encadeiam tarefas sozinhos. Há a programação assistida, em que um programador sozinho entrega o que antes pedia uma equipe inteira. Há a criação de música, imagem e vídeo a partir de um texto. Há a análise de dados, o

atendimento automático e as aplicações no Direito, na saúde, nas finanças e na educação. E há a integração da IA com os sistemas das empresas, o e-mail, a agenda e os bancos de dados.

Uso tudo isso no meu dia a dia. Com a IA compus e gravei as músicas da banda Multiverso Digital e produzi os clipes. Construí o meu site, refiz a soma dos boletins de urna da eleição de 2026 e desenvolvi os meus aplicativos. E foi conversando com uma inteligência artificial, contando a minha vida como numa entrevista, que escrevi este livro.

Depois de uma vida inteira de tecnologia, aprendi que a ferramenta todo mundo tem. O que faz a diferença é saber o que pedir a ela. O profissional mais valioso de hoje é o que entende do negócio e sabe orquestrar a IA para resolver um problema real. É exatamente o que eu fiz a vida toda, só que agora com um parceiro que não dorme.

Capítulo 12 — auExpert e IAsist



O auExpert é o projeto que reúne tudo o que aprendi. É um aplicativo para quem cuida de cães e gatos, criado pela minha startup, a auExpert Startup Digital, e pensado desde o início com a inteligência artificial no centro. O tutor registra o dia a dia do animal, e o aplicativo transforma isso num diário inteligente narrado na voz do próprio pet. A IA analisa as fotos, organiza o histórico completo de saúde e avisa o que precisa ser feito. Ela observa, mas não diagnostica: quem diagnostica é o veterinário. O auExpert serve ao tutor, ao veterinário, ao groomer, à creche e ao dog walker, fala cinco idiomas e chega às lojas da Apple e do Google. Além do diário e do prontuário, ganhou passeios monitorados, planejamento de viagens com o pet, nutrição e integração com coleiras inteligentes. É um projeto grande, com uma equipe pequena e uma IA trabalhando ao lado de cada um de nós, exatamente como eu acredito que o trabalho deve ser feito daqui para a frente.

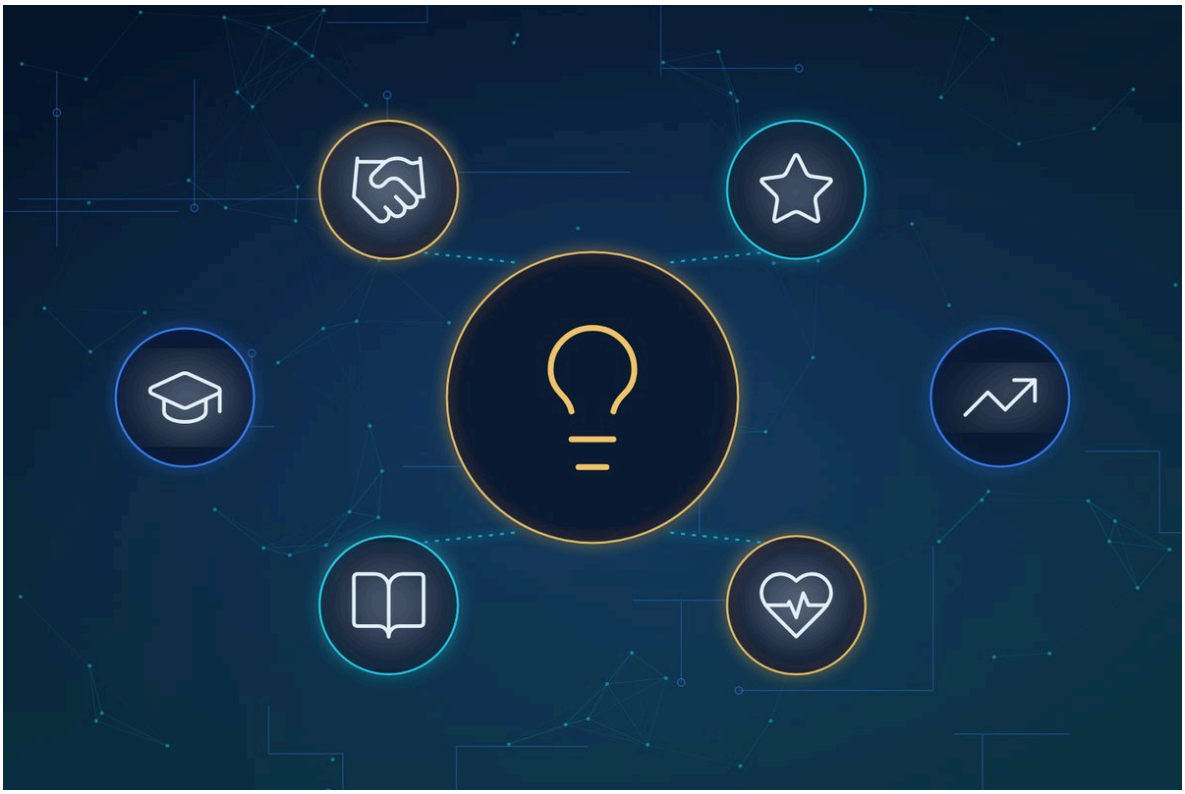
O IAsist nasceu de uma pergunta simples: se eu tenho um assistente de inteligência artificial só meu, um Jarvis pessoal que me ajuda todos os dias, por que cada família brasileira não pode ter o seu? O IAsist é esse assistente para a gestão do lar. Ele conversa por voz e por texto, em português, e cuida da agenda da casa, das contas e vencimentos, dos documentos, dos lembretes de remédio e da rotina da família. Tem um modo simples, só por voz, para os idosos, e um tutor escolar para as crianças. E protege os mais vulneráveis contra golpes: basta colar a mensagem suspeita, o Pix falso ou o "troquei de número", e ele avisa.

No IAsist, as regras são minhas e não se negociam. A inteligência artificial roda inteira no computador da casa, e nenhum dado da família vai para a nuvem. O programa calcula e a IA entende: datas, valores e prazos ficam com regras testadas, não com palpites. Nada que chega por e-mail ou mensagem dispara uma ação sozinho, e tudo o que envia, paga ou apaga pede a confirmação de uma pessoa. O lema resume a ideia: "o IAsist trabalha, a família só aprova".

Em outubro de 2026 ele estava em teste na minha própria casa, no computador e no celular, a caminho da versão beta, publicado pela minha empresa, a Multiverso Digital.

O auExpert cuida dos bichos. O IAsist cuida da casa. Os dois têm a mesma raiz: a tecnologia a serviço das pessoas, e não o contrário, a mesma coisa que eu canto em "Automação".

Capítulo 13 — O que aprendi



Olhando para trás, vejo que as decisões mais importantes da minha vida foram guiadas sempre pelas mesmas coisas: a fé, a honestidade, a criatividade, a perseverança e a vontade de realizar. Foram elas que me fizeram trocar o certo pelo incerto, recomeçar depois do Plano Collor e continuar aprendendo até hoje.

A fé, para mim, sempre foi acreditar em Deus, na família, no trabalho e acreditar que tudo é possível. Na Maçonaria, encontrei outra coisa que me move desde menino: a curiosidade pelo conhecimento.

Dois mestres me marcaram mais do que todos. O primeiro foi o meu professor de física no Wolny. Não lembro mais o nome dele, mas foi ele quem me ensinou a álgebra booleana, os zeros e uns que decidiram a minha vida. O segundo foi o meu tio Braga, o advogado que

me deu o primeiro emprego e o primeiro terno. Com ele aprendi a ter caráter, honestidade, sinceridade e simplicidade, e a discutir sempre com argumentos, nunca com a voz mais alta.

Se eu pudesse falar com o Beli de 14 anos, aquele menino que cantava “um dia a democracia virá”, eu diria a ele: corra atrás das suas ideias e dos seus sonhos. Não siga conselhos de derrotistas, que vão colocar nas suas ideias um monte de entraves. Não dê ouvidos a essas pessoas. Ande sempre cercado de pessoas otimistas, que também acham que tudo é possível. Não desista nunca.

E, quando lembrarem de mim, gostaria que lembrassem de um cara criativo, sem medo de errar, que faz e tem certeza de que tudo é possível. Um autodidata, curioso pelo conhecimento e muito, mas muito teimoso.